

28-06-2021

MEU NOME É...**ANA CRISTINA CESAR****Gyslaine Daureu Weltz**

[Estudante de Literatura]

Vim aqui conversar com vocês. Responder qualquer coisa.... Como vocês estão calados... Historicamente mulher começa a escrever numa esfera muito familiar.

Por isso escrevo cartas. É quando me dirijo a alguém.

E escrevo diário pra ter um interlocutor: querido diário... Na literatura há sempre alguma coisa que escapa. E não dá pra chorar com isso. É possível se alegrar com isso... Você pode ter lido só um ou dois poetas e sacar o que é poesia.... A poesia é um tipo de loucura qualquer. Poesia pra valer me comunica...

Eu escrevia muito diário mas ele não conseguia revelar.

Descobri que a poesia consegue revelar.

Por isso quando me acham louca eu digo: Te acalma, minha loucura! Veste galochas nos teus cílios tontos e habitados! Este som de serra de afiar as facas não chegará nem perto do teu canteiro de taquicardia...

Em minha biografia consta que antes de eu ser alfabetizada, aos seis anos, eu recitava poemas para minha mãe. Não como os que escrevi depois que cresci como aqueles em que estou atrás ... Estou atrás do despojamento mais inteiro / da simplicidade mais erma / da palavra mais recém-nascida / do inteiro mais despojado / do ermo mais simples / do nascimento a mais da palavra...

Em minha biografia ... Te apresento a mulher mais discreta do mundo: essa que não tem nenhum segredo. ...

Por isso fiz letras na PUC/RJ e nos anos '70 quando comecei a publicar poemas em jornais e revistas alternativas. Talvez por isso dissessem que eu era da geração mimeógrafo ou, se preferirem, da poesia marginal. ... Mas eu não estacionava nisso. Em Londres eu havia tido contato com a literatura inglesa e segui na pesquisa literária. Inclusive, fiz um mestrado em comunicação na UFRJ e outro em tradução literária na Inglaterra. Lá escrevi o livro "Luvas de Pelica" que publiquei no Rio de Janeiro. "Cenas de Abril" e "Correspondência completa" já haviam sido escritos bem antes. "A teus pés" foi meu último livro. Ana C. foi o nome que usaram para me homenagear na Feira Literária de Paraty, em 2016, 33 anos depois da minha morte. Mas estou aqui....

Sei que nasci em 1952 e em 1983 me morri, aos 31 anos, suicídio como disseram ... Mas estou aqui...

Tantos poemas que perdi. ... - táí, eu fiz tudo pra você gostar, fui mulher vulgar, meia-bruxa, meia-fera, risinho modernista arranhando na garganta, malandra, bicha, bem viada, vândala, talvez maquiavélica, e um dia emburrei-me, vali-me de medidas ... e tantas fiz, talvez querendo a glória, a outra cena à luz de spots, talvez apenas teu carinho, mas tantas, tantas fiz...

Tarde aprendi

bom mesmo é dar a alma como lavada.

*Não há razão para conservar
este fiapo de noite velha.*

Que significa isso?

*Há uma fita que vai sendo cortada
deixando uma sombra no papel.*

Discursos detonam.

*Não sou eu que estou ali de roupa escura
sorrindo ou fingindo ouvir.*

No entanto

*Também escrevi coisas assim,
para pessoas que nem sei mais
quem são, de uma doçura
venenosa de tão funda.*

Abri curiosa o céu. Assim, afastando de leve as cortinas. Eu queria entrar, coração ante coração, inteiriça ou pelo menos mover-me um pouco, com aquela parcimônia que caracterizava as agitações me chamando. Eu queria até mesmo saber ver, e num movimento redondo como as ondas que me circundavam, invisíveis, abraçar com as retinas cada pedacinho de matéria viva. Eu queria (só) perceber o invisível no levíssimo que sobrevoava. Eu queria apanhar uma braçada do infinito em luz que a mim se misturava. Eu queria captar o impercebido nos momentos mínimos do espaço nu e cheio. Eu queria ao menos manter descerradas as cortinas na impossibilidade de tangê-las. Eu não sabia que virar pelo avesso era uma experiência mortal.

Desdenho os teus passos

Retórica triste: Sorrio na alma

De ti nada existe - Eu morro e remorro

Na vida que passa - Eu ouço teus passos

Compasso infernal - Nasci para a vida

De morte vivi - mas tudo se acaba

silêncio. Morri

■ ■ ■

Nota do Editor: A autora, Gyslaine Weltz, ao falar da poesia brasileira, como ela mesma diz, mergulha na essência do/as, autore/as, exerce uma alteridade psico-arqueológica, transmuta-se nele/as...

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.